

Átinsás: As árvores sagradas e as arquiteturas dos terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix

Átinsás: The sacred trees and architectures of the terreiros of candomblé de Cachoeira and São Félix

Fábio Macêdo Velame*

*Universidade Federal da Bahia, Brasil, velame.fabio@gmail.com

usjt

arq.urb

número 32 | set - dez de 2021

Recebido: 10/08/2021

Aceito: 27/10/2021

DOI: [10.37916/arq.urb.vi32.546](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi32.546)



Palavras-chave:

Arquitetura,
Natureza,
Candomblé,
Patrimônio Afro-brasileiro.

Keywords:

Architecture,
Nature,
Candomblé,
Afro-Brazilian patrimony.

Resumo

O presente trabalho trata da relação entre natureza e arquitetura no âmbito dos terreiros de Candomblé no Recôncavo Baiano, entre as cidades de Cachoeira e São Félix. Nesses lugares não há dicotomia entre o natural x artificial, mas uma imbricação no sagrado. As árvores sagradas tornam-se arquiteturas, natureza que compõe e cria uma arquitetura afro-brasileira particular, e a arquitetura torna-se natureza sacralizada, fazendo parte da mata ritual. Estando as árvores ali, sempre a abrir e fechar as festas. Os terreiros de Cachoeira e São Félix têm nas árvores sagradas que nascem dentro e furam os telhados dos barracões, Ilê Orixá e Casa de Caboclos um aspecto espacial simbólico que os diferenciam, que lhes atribui particularidade, peculiaridade, singularidade, que lhes é próprio. As árvores sagradas fundam, geram, organizam, e regem as arquiteturas dos terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix.

Abstract

The present work approaches the relationship between nature and architecture in the context of Candomblé houses in the Recôncavo Baiano, between the cities of Cachoeira and São Félix. In these places there is no dichotomy between the natural x artificial, but an intertwining in the sacred. The sacred trees become architectures, nature that composes and creates a particular African-Brazilian architecture, and the architecture becomes sacralized nature, part of the ritual woods. Being the trees always opening and closing the festivities. The houses of Cachoeira and São Félix have in the sacred trees that are born in and stick the roofs of sheds, Ilê Orixá and Casa de Caboclos a symbolic spatial aspect that differentiate them, which gives them particularity, peculiarity, singularity, which are peculiar to them. The sacred trees found, generate, organize, and governing architectures of Candomblé houses of Cachoeira and São Félix.

Introdução

Ao caminharmos pelos templos de matrizes africanas do Recôncavo Baiano, sobretudo, dos terreiros de Candomblé da nação Nagô-Vodum¹, algo nos chama a atenção na sua arquitetura: as árvores sagradas nascem dentro das construções e irrompem seus telhados. As árvores sagradas nos terreiros de Candomblé da região além de serem assentos de Orixás, Vodum, Inquices, Caboclos e, entidades locais, como os Escravo², possuem um papel fundamental que as distinguem, são os elementos geratrizes, organizadores e estruturantes das arquiteturas de seus templos. No Candomblé a natureza é sacralizada, não é apenas algo natural, ou uma paisagem pictórica. Mas sim, uma construção e habitat dos deuses, uma natureza “encantada”, onde o sagrado, através do fluxo de axé alimentado pelos rituais está presente em determinados lugares: em pedras, fontes, riachos, mata e árvores. A natureza torna-se uma hierofania, com diversas manifestações e erupções do sagrado no mundo.

Essa arquitetura em movimento feita pelos mortais guiados pelo sistema dinâmico do axé torna-se ela própria parte integrante dessa natureza divinizada. Não há, portanto, uma arquitetura do homem enquanto uma paisagem pictórica ou um artifício, artificial, criado pelo homem como algo em contraposição a natureza, um domínio

do homem sobre a natureza. Pelo contrário, a arquitetura do terreiro torna-se uma continuidade, uma extensão da natureza sacralizada, uma continuidade da morada dos deuses e ancestrais, integrando-se e potencializando o sistema dinâmico do axé.

Nos terreiros de Salvador e Região Metropolitana, as divindades, entidades e ancestrais, podem estar assentados tanto nos pepelês dentro dos quartos dos Orixás e Caboclos, quanto nos seus respectivos Ilê Orixá e Casas de Caboclos, ou, ainda, encontram-se assentados em pedras ou em árvores sagradas na mata sagrada e em locais semi-públicos nos terreiros. Juana Elbein dos Santos caracteriza os assentos de Orixá, destacando a sua presença em árvores sagradas onde é fixado o axé da divindade, quando plantada, e em cujos pés são depositados às oferendas, ou ainda, em templos, os Ilê Orixás. Trata, portanto, os assentos presentes em duas situações: em templos (construções); e, árvores sagradas na mata³. Roger Bastide traz, também, em Salvador e Região Metropolitana observações tanto dos assentos dos Orixás colocados nos pepelês dos quartos dos santos e, principalmente, nos seus templos por excelência, os Ilê Orixás, quanto dos assentos dos Orixás fixados em árvores sagradas⁴.

¹O Nagô de Cachoeira e São Félix não constitui algo homogêneo, pelo contrário, possuem diferenças internas, subdividindo-se em: Nagô-Mulssurumi; Nagô-Tedô; Nagô-Ixejá; Nagô-Vodum. O Nagô-Vodum diferencia-se das outras nações de Candomblé, sobretudo a Ketu, por um intenso processo de dupla combinação cultural entre os Jêjes (daomeanos), e, os lorubás (nagôs), acompanhado pelas efetivas presenças do culto católico e, também, ameríndias com a reverência aos Caboclos. Vilson Caetano de Sousa Junior em Nagô: A nação de ancestrais itinerantes, ao tecer a teia das relações familiares do povo-de-santo de Cachoeira e São Félix, e ao traçar a constituição de seus terreiros de Candomblé, caracteriza a nação Nagô-Vodum: “Para as casas que se definem como nagô, o modelo Ketu, antes de lhes representar, é algo que lhes distingue em vários aspectos rituais, manifestado ao trato dado a alguns Orixás, da administração de certas folhas, de algumas cantigas, comidas e da observação de tabus rituais. Diferentemente da cidade de Salvador, a expressão nagô guarda profundas relações com os ancestrais jejes, daí a preferência pela palavra nagô-vodunsi.” (CAETANO, 2005, p.25). Nicolau Parés em A Formação do Candomblé: História e Ritual da nação Jeje na Bahia, trata a formação do Candomblé Jeje- Mahi em Cachoeira e Salvador, mostra a influência e a importância dos daomeanos (Jêje), e, dos crioulos e libertos na institucionalização do Candomblé no Recôncavo, observando surgimento da nação Nagô- Vodum: “Além de se falar de diversas “subnações” nagô como nagô-agavi, nagô-tedô, nagô-congú, ou nagô-ixejá, cabe notar que o rito nagô do Recôncavo, que se caracterizava por ter cantigas próprias e usar uns atabaques pequenos tocados a mão, era distinto da tradição nagô-ketu conhecida em Salvador. O rito nagô de Cachoeira, além da sua especificidade de origem iorubá, esteve influenciado pela tradição jeje, sendo comum em algumas dessas casas o culto ao vodum Bessen, mas seria mais correto

falar de uma mútua interpenetração de elementos rituais, que no final do século XIX deu lugar à tradição que o povo- de-santo chama “nagô-vodum” ou “nagô-vodunsi” (PARÉS, 2007, p. 197).

²Em Cachoeira e São Félix muitos assentos de Exu em pedras e, principalmente, em árvores sagradas são ressignificados nas figuras dos Escravos.

³Nos templos: O “terreiro” concentra, num espaço geográfico limitado, os principais locais e as regiões onde se originaram e onde se praticam os cultos da religião tradicional africana. Os òrisà cujos cultos estão disseminados nas diversas regiões da África Yorùbá, adorados em vilas e cidades separadas e às vezes bastante distantes, são contidos no “terreiro” nas diversas casas-templos, os ilê-òrisà. [...] Cada casa

- ilê-òrisà – contém o “assento” consagrado ao òrisà – idí-òrisà – que é objeto de adoração comum, chamado àjobo. A cada entidade sobrenatural correspondem “assentos” específicos e os elementos que os compõem expressam os diversos aspectos do òrisà cuja natureza simbolizam (SANTOS, 1986, p.35). E, nas árvores sagradas: Ògún está profundamente ligado ao mistério das árvores e consequentemente a Òrisálá. Seu “assento” é “plantado” ao pé de um igi-iyeyè (Spondias Latea ou Spondias Monbin) (cajazeira) no Brasil, ou ao pé de um odán, de um akòko ou de um àràbà na Nigéria e no Daomé, e rodeado por uma perene cerca de pèrègun (Dracaena Fragrans), chamada Espada de Ògún no Brasil. Às vezes seu “assento” também é “plantado” ao pé de um igi-òpe, cujos troncos simbolizam a matéria individualizada dos òrisà-funfun e particularmente de Òsálá (SANTOS, 1986, p. 92).

⁴O ilê-orixá é antes de mais nada é um templo e, como tal, guarda todos os objetos nos quais as divindades foram fixadas: pedras, pedaços de ferro, tambores etc.,[...]. Como já indicamos,

Vemos em Bastide e, também, em Juana Santos, que centraram seus estudos nas grandes casas de Candomblé de Salvador, que as árvores sagradas (onde geralmente assentam-se os Orixá do mato), são fixados o axé da divindade, e que todos os sacrifícios de animais votivos e oferendas de comidas sagradas e bebidas se fazem aos seus pés, rente ao chão. As árvores sagradas, portanto, são assentos autônomos, livres, geralmente de um Orixá vinculados ao mato, sem precisar de nenhum elemento construtivo sagrado auxiliar, porque essas árvores foram plantadas com o axé da divindade.

A árvore é a própria divindade. E, se contrapõem, como nos traz Bastide e Juana Santos aos templos dos Orixás ou os quartos dos Orixás (quarto dos santos), geralmente vinculados aos Orixás urbanos, que possuem em seu interior os altares sagrados, o pepelê, onde são dispostos os assentos das divindades com seus respectivos elementos simbólicos. Em Cachoeira e São Félix as divindades não habitam em um ou noutro, mas podem estar, simultaneamente, em ambos. Os pepelês⁵ com os assentos dos deuses relacionam-se com as árvores sagradas, edificando a morada peculiar dos deuses, criando uma relação própria, uma relação indissociável, onde o pepelê e a árvore sagrada são uma coisa só.

As árvores sagradas podem emergir tanto de um pepelê circular que abraça e envolve as árvores sagradas, quanto, as árvores sagradas podem emergir, também, em frente aos pepelês dentro dos Ilê Orixás e Casas de Caboclos. Essas duas situações na realidade são manifestações de uma mesma e peculiar relação entre

assentos de divindades nos pepelês e assentos de divindades nas árvores sagradas, que podem estar juntos, concomitantes, inter-relacionados. Relação essa desvelada e potencializada por um aspecto que lhe é particular: árvores sagradas e seus pepelês nascem de dentro de barracões, Ilê Orixá, Casa de Caboclos, quartos de divindades ou de caboclos que atravessam, irrompem e furam os telhados desses espaços. São os lugares⁶ da permanência nesses templos, que agregam os valores de culto, parentesco, e ancestralidade⁷. Lugares, árvores sagradas, onde realizavam-se cultos afro-brasileiros, ao redor das quais as comunidades terreiros organizaram-se, onde surgiram os terreiros de Candomblé, tornando-se seus elementos geratrizes.

Para compreender como as árvores sagradas geram, estruturam e organizam as arquiteturas dos terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix, abordaremos os templos: Capivari (Pé-da-Cajá), Ilê Axé Itaylé, Raiz de Airá, Ilê Axé Ogunjá, Viva Deus.

CAPIVARI – PÉ DA CAJÁ

O Terreiro do Capivari, também chamado de Terreiro do Pé da Cajá, foi fundado na segunda metade do século XIX, em 1860, por Anacleto Urbano da Natividade Tosta, que foi um escravo do Engenho da Natividade do Capivari de propriedade da família Tosta. O Engenho recebeu essa nomenclatura com Joana Maria da Natividade Tosta filha de Manoel Pereira Tosta e Joana Maria da Natividade.

distinguem-se no templo os orixás do ar livre e os outros orixás. Os primeiros, Omolu, Ogum, Oxóssi, têm seus santuários separados do corpo do edifício; mas, esteja o quarto do orixá no interior ou no exterior da casa, seja-lhe ou não dado um nome especial (sala do trono de Xangô, sala do tanque de Iemanjá...), todos são pejis; ali se encontram, em travessas ou em pratos, as pedras "feitas", com os alimentos que lhes foram oferecidos, tudo recoberto por toalhas bordadas, as insígnias das divindades, e às vezes esculturas africanas ou imagens de santos católicos. [...] Vê-se também muitas vezes, nas moitas emaranhadas, uma ou duas árvores cujos galhos trazem pendurados pedaços de pano branco chamados ojas, e ao pé dos quais se encontram garrafas, pratos, recipientes de toda espécie. Uma dessas árvores, a gameleira-branca (*Ficus doliaria*, religiosa) é identificada com o Iroco, a árvore sagrada dos africanos, e é preparada exatamente como se prepara uma pedra ou uma filha-de-santo, isto é, fixando-se dentro dela a divindade; daí por diante torna-se objeto de culto, não pode mais ser tocada por ninguém, e, se lhe cortassem os galhos, deles correria sangue (BASTIDE, 2011, p. 80).

⁵Pequeno banco feito próximo ao chão, geralmente executado em terra (adobe), bloco cerâmico, tijolos, onde são dispostos os assentos de Orixás, Vodum e Inquices.

⁶Christian Norberg-Schultz (1979), arquiteto norueguês, em seu texto O Fenômeno do Lugar presente em sua obra *Genius Loci: Paisagem, Ambiente e Arquitetura*, que traçará, de forma mais

profunda, uma abordagem fenomenológica-existencial na Arquitetura sobre o tema lugar. A vida e a experiência no cotidiano acontecem em espaços tornando-os lugares e diferenciando-os qualitativamente e expressivamente. Norberg-Schultz trabalha a noção de *genius loci* nos estudos do lugar na arquitetura, que corresponde a antiga concepção romana que determinados lugares são habitados por espíritos que possibilitam eurofanias (a manifestação do sagrado no mundo). O *genius loci*, "o espírito do lugar", enquanto uma presença singular, edifica o lugar. Etimologicamente, lugar vem do latim *lacilis*, de *locus*, significando: espaço ocupado, localizado, cargo, posição. O lugar é, portanto, o espaço ocupado, ou seja, habitado. Norberg-Schultz define a arquitetura da seguinte maneira: "[...] a arquitetura pode ser definida como a produção de lugares" (NORBERG-SCHULTZ, 1983, p.64). E, o lugar, da seguinte forma: "O Lugar é a concreta manifestação do habitar humano. [...] Uma localização ou "um espaço vivido", costuma ser chamado de lugar" (NORBERG-SCHULTZ, 1983, p. 64).

⁷Ver o conceito de valor de culto em BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo; Brasiliense, 1996, o conceito de valor de parentesco em LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982, e, o valor de ancestralidade em BRAGA, Júlio Santana. *Ancestralidade Afro-Brasileira: O culto de Babá Egum de Ponta de Areia*. Salvador: Ed. EDUFBA, 1995.

O Terreiro do Capivari é o primeiro da nação Nagô-Vodum, localizado no município de São Félix na margem esquerda da estrada que liga essa cidade ao município de Maragojipe, a uma distância de 6,5 km do centro de São Félix, e foi construído ao longo da margem do rio Capivari, daí seu nome Terreiro do Capivari. Seu surgimento está ligado à epidemia de cólera morbus que se abateu sobre o Recôncavo Baiano nesse período e que matou milhares de pessoas, dezenas de escravos nos engenhos da região, incluindo os engenhos da família Tosta.

O Capivari destaca-se na paisagem rural de São Félix por apresentar uma frondosa árvore sagrada que atravessa o telhado de seu barracão de festas. Ao entrar o barracão nos deparamos com uma cajazeira centenária, o assento de Obaluaiê (ver Fig. 1), que é a mesma da época de Anacleto, a partir do qual surgiu o terreiro e se organiza o culto, e, também, as estrelas de cinco pontas no chão; e, do lado direito um nicho, um oratório católico, que ressignifica e atualiza a "casa de oração", dedicada a São Roque, que existia no terreiro na época da fundação. A árvore sagrada de Obaluaiê e o oratório de São Roque são as permanências do culto afro-brasileiro e católico presentes desde a origem do templo.

O barracão foi construído abraçando e envolvendo a árvore sagrada, que possui um caule robusto e uma grande copa que se desenvolve sobre o telhado, tornando-se o próprio "telhado sagrado do terreiro", um telhado feito de folhas sagradas, que se renova e transforma-se de forma contínua. A árvore sagrada de Obaluaiê é o elemento geratriz dessa arquitetura. A partir dela que nasceu o terreiro Capivari, comumente chamado pelo povo-de-santo da região de Terreiro da Cajá, uma clara alusão a cajazeira de Obaluaiê.

No espaço do barracão, em seu piso, em volta da árvore sagrada de Obaluaiê e dispostas em cada quina do barracão, há três estrelas de cinco pontas, Estrela de Salomão, que é o elemento simbólico pertencente e presente em todos os terreiros da nação Nagô-Vodum de Cachoeira e São Félix.

As estrelas demarcam a presença afro-brasileira no espaço porque cada uma corresponde a uma divindade importante da casa, pertencem a Iemanjá, Obaluaiê e Ogum, formando com a cajazeira sagrada uma quadratura afro-brasileira na espacialidade do barracão. As festas dos deuses, o Xirê, na época de Mãe China, aconteciam em voltas dessas estrelas e da árvore sagrada, elas imprimiam o ritmo e os trajetos, hoje, infelizmente, sem a realização das festas, sem o Xirê dos Orixás, a

arquitetura encontra-se lacunar, a arquitetura torna-se vazia, sem vida, permanece enquanto espaço à espera da festa.



Figura 1. Assento de Obaluaiê na Cajazeira que atravessa o telhado do Terreiro do Capivari, São Félix, Bahia. Data: 2009. Fonte: Fábio Velame.

Na base da árvore sagrada existe um pepelê (altar) circular, com diversos elementos simbólicos afro-brasileiros: otás (pedras sagradas de assentos de divindades), em potes e pratos; quartinha de Exu; jarros de barro; uma imagem latinizada de Iemanjá tendo a frente um pequeno buraco feito no pepelê incrustado de búzios e conchas, contendo elementos simbólicos de Iemanjá como água, conchas, caramujos, peixes pequenos, ostras, pedras marinhas, e jóias. O pepelê possui ao fundo, também, uma imagem do Caboclo Boiadeiro, o boiadeiro afro-brasileiro, imerso no sistema de crenças e práticas do Candomblé.

O terreiro não realiza festas públicas com Xirê de Orixá porque sua família-de-santo encontra-se muito reduzida aos parentes de Pai Nino. Atualmente, realizam-se apenas as obrigações para os Orixás. Com Pai Nino, recentemente, à frente da casa foi retomada a partir de 2010 uma das principais obrigações do templo, a obrigação de Obaluaiê, realizada na primeira semana de agosto.

Ainda pela manhã é realizada a limpeza do pepelê da árvore sagrada do barracão do qual nasce à cajazeira de Obaluaiê, no qual será posto, mais tarde, o assento de Obaluaiê do peji (quarto pequeno), todo coberto com suas palhas e seu ojá colorido. Ainda pela manhã são feitos os sacrifícios dos animais no assento de Obaluaiê, no seu peji, o quarto que dá para o espaço do barracão, e no final da tarde são arriadas as suas comidas sagradas, permeados com os cânticos sagrados à divindade.

ILÊ AXÉ ITAYLÉ

O Ilê Axé Itaylé, da nação Nagô-Vodum, foi fundado por Mãe Filhinha, com a ajuda de seu pai-de-santo do Terreiro do Lama, em 1935. Têm como Orixá regente, Iemanjá Ogunté, e o Orixá patrono Ogum. Presença que acontece nas cores das

construções do templo, assim como em suas bandeirolas, em azul e branco, em homenagem a Iemanjá e Ogum. Localiza-se na Rua da Delegacia em Cachoeira. A casa foi comprada por Mãe Filhinha em 1928. Depois de sete anos fazendo caridade na casa, obteve a permissão de Iemanjá Ogunté para começar a trabalhar no Candomblé, fundar seu terreiro e fazer trabalhos e serviços espirituais.

O barracão do Ilê Axé Itaylé apresenta algo inusitado: duas árvores frondosas furam e rompem o telhado, imprimindo a sensação de que o telhado é sustentado por elas, pelas árvores da vida sob o zelo de Iemanjá Ogunté, que acolhe e conforta a todos os seus filhos, nas mazelas e infortúnios da vida, em sua mão-barracão. As árvores sagradas já existiam antes da construção do barracão. Elas existiam antes, inclusive, da fundação do terreiro, quando aconteceu a sacralização da casa em templo, a abertura do Orum no Aiê.

A primeira árvore é o assento do Caboclo Jaiça Taquara, chamado, comumente de Tuma Juçara; e, a segunda árvore é o assento do Orixá Obaluaiê. Essas árvores sagradas destacam-se das demais árvores de culto do templo, tornando-se as mais importantes, porque foi em volta delas que se organizaram o culto, era o local onde os membros do povo-de-santo do Ilê Axé Itaylé realizavam obrigações anuais a

Obaluaiê e aos Caboclos, foi ao se redor que se estruturou a egbé, a comunidade terreiro do Ilê Axé Itaylé, sob a liderança de Mãe Filhinha. Essas árvores sagradas foram os elementos de escolha do sítio de edificação do templo, de construção do terreiro e gerador da arquitetura do Ilê Axé Itaylé (ver Fig.02 e 03)



Figura 2. Árvores sagradas, assentos do Caboclo Taquara e de Obaluaiê abraçados pelo barracão. Data: 2009. Fonte: Fábio Velame.

As árvores sagradas de Obaluaiê e do Caboclo Taquara, com a realização das suas respectivas obrigações anuais - fundam o lugar - a partir do qual se territorializa a comunidade terreiro com a posterior edificação do templo que ocorre a partir do plantio do axé do terreiro. São os elementos simbólicos sagrados que originam o terreiro, a egbé (comunidade terreiro), o templo e a sua arquitetura. Em frente a essas duas árvores, após a fundação do terreiro, era montado durante as festas dos Orixás em janeiro, e nas dos Caboclos em julho, o barracão de palha de palmeira. Barracão temporário, efêmero, transitório. No final dos anos de 1960 foi edificado o barracão de tijolo cozido e telha cerâmica artesanal.



Figura 3. Árvore sagrada, assento de Obaluaíê, abraçado pelo barracão. Data: 2009. Fonte: Fábio Velame.

Entretanto, ao construí-lo a comunidade terreiro não optou em fazê-lo no quintal do fundo onde até hoje há a mata sagrada do templo; nem na outra lateral da casa de Mãe Filhinha, área que foi doada por ela aos filhos-de-santo do templo para construir suas casas que hoje constitui um correio de casas, uma vila, voltadas para a rua; e, nem na área do terreiro em que hoje há uma casa de hospedagem dos filhos-de-santo voltada para a rua principal ao lado da casa de Mãe Filhinha.

Todas elas constituíam áreas amplas, espaçosas, propícias à construção de um barracão que comportasse as festas e seus filhos. Entretanto, apesar da existência de áreas mais generosas para edificação do barracão Mãe Filhinha e a egbé do Ilê Axé Itaylê optaram em edificá-lo no mesmo lugar onde se levantava o barracão de palha, aos pés das árvores sagradas, aos pés de Obaluaíê e do Caboclo Taquara, no lugar da quadratura, do encontro dos deuses e mortais, do Orum com o Aiê, o lugar de origem do terreiro, e atual lugar da festa. O barracão, logo, é o “mesmo”, ele permanece como lugar, enquanto espaço simbólico. A festa, o Xirê, fortalece e alimenta o simbolismo do lugar, onde e quando o sistema dinâmico do axé atinge seu ápice.

Os deuses ao dançarem em volta do Itoto⁸, do templo composto por duas estrelas: a estrela de Salomão (cinco pontas), simbolizando Iemanjá (regente), e a de Davi (seis pontas), simbolizando a presença de Ogum (patrono), no Ilê Axé Itaylê; sob o ritmo do Quebrado ao som do Nagô-Vodum, manifestados nos corpos dos filhos-de-santo em transe, edificam uma arquitetura, um lugar singular, próprio, peculiar, onde as árvores nascem de dentro da construção e irrompem seus telhados.

O barracão, ao ser feito, abraçou as árvores sagradas, como se fosse um grande ojú. O abraço do barracão convida, terminantemente, os deuses a se abrigarem ali, a estarem ali acolhidos constituindo a arquitetura, sendo a própria arquitetura. O lugar permanece, transformando-se, do barracão de palha ao barracão de tijolos e telhas, mas sendo o “mesmo” barracão, porque ali se dá a aparição dos deuses, ali eles dançam em volta das estrelas aos pés das árvores sagradas de Obaluaíê e do

⁸O Itoto é uma estrela pintada, moldada ou feita em mármore no piso do barracão, e é o lugar onde está plantado o axé do terreiro, lugar sagrado por excelência onde não se pode tocar com as mãos fora do ritual, passar por cima e muito menos pisar.

Caboclo Taquara. Lugar peculiar, singular que permanece na transformação porque a comunidade terreiro do Ilê Axé Itaylê lhe atribui os valores de culto, ancestralidade e parentesco.

O Itoto do Ilê Axé Itaylé, com o conjunto de suas estrelas, cria simbolicamente, durante a temporalidade do Xirê, o axis mundi, o opô-orum aiê, o eixo de ligação entre o Orum e o Aiê. Durante o Xirê, dançando o Quebrado⁹, os mortais saúdam os deuses e cablocos, batendo, inicialmente, a cabeça no chão em frente às árvores sagradas, em sua reverência e respeito; depois, antes de entrar na roda dirigem-se ao Itoto, nas duas estrelas e, também, batem a cabeça, reverenciando as divindades da casa. Estabelece-se aí a relação Itoto (estrelas), árvores sagradas, deuses e mortais unidos pelas festas.

A festa, o Xirê, ao estabelecer a conexão e relação entre os elementos da quadratura, fortalece o lugar, cria uma relação originária. Essas relações constroem e conservam a singularidade do lugar, da relação indissociável, formada por: elementos temporais, Xirê, a dança do Quebrado, e o toque do Nagô; e, espaciais, o Itoto: estrelas de Iemanjá (Salomão), de Ogum (Davi), e árvores sagradas: Obaluaiê e Caboclo Taquara; possibilitam a aparição única de uma coisa distante, os deuses.

Itoto com suas estrelas em relação com as árvores sagradas, na temporalidade das festas do Nagô-Vodum em seu Quebrado, constitui algo único, irreprodutível, concebido como o aqui e o agora do ritual na esfera do sagrado. Sua existência única no lugar onde ela se encontra, constitui-se no sentido de tudo o que foi transmitido pela tradição. Permanece, nesse lugar, composta por essas relações, o sistema dinâmico do axé.

RAIZ DE AIRÁ

O terreiro Raiz de Airá foi fundado em 1917 por Maria Clara de Jesus, também chamada de Sinhá Clara, numa localidade denominada de Charqueada, próxima a mata da Catuaba em São Félix, nos arredores do que é hoje a barragem de Pedra do Cavalo. O terreiro foi transferido em 1932 para uma outra localidade próxima, Km 310, local que posteriormente foi inundado pelas águas da barragem. Esse

terreno foi comprado por João Três Estórias, então líder religioso, de um fazendeiro chamado Arthur Rena por 15 mil réis (CAETANO, 2005, p. 106).

O templo, inicialmente, era uma casa de taipa-de-mão, cobertura de palha, e contava com diversas construções da comunidade. A atual líder religiosa é a lalorixá Mariá Ferreira dos Santos que reside em Salvador. O terreiro é da nação Nagô-Vodum. Têm como dono da cumeeira Ogum, e o patrono do templo é Xangô Airá. Na década de 1970 com a construção da barragem de Pedra do Cavalo pelo governo do Estado da Bahia com o objetivo de prover o abastecimento de água de Salvador e Região Metropolitana, a área onde se encontrava o terreiro Raiz de Airá foi inundada pela barragem, sendo, portanto, expulsos da área.

Depois da expulsão, João Três Estória com a ajuda de Irineu transferiram o terreiro para Salvador, operaram uma reterritorialização do templo. O Raiz de Airá foi instalado na Rua Pedro Vellos Gordinho, n.23, no Matutu de Brotas. Poucos anos depois, João Três Estórias separou de sua esposa, Dona Raimunda José de Santana Santos, filha de Oiá, que ficou com a casa e o templo do Matatu de Brotas. Após a separação João Três Estórias foi morar no Rio de Janeiro, em Duque de Caxias, numa localidade chamada de Capim Melado, indo para Nova Iguaçu. João Três Estórias abriu um terreiro Nagô-Vodum nessa localidade, ficando lá até a sua morte.

Depois da morte de sua ex-esposa, Dona Raimunda José de Santana Santos, em 1973, alguns assentos de Orixá foram levados do Raiz de Airá então situado no Matatu de Brotas, em Salvador, para o terreiro de João Três Estória no Rio de Janeiro. Esses assentos permaneceram no Rio de Janeiro até 1975 quando João Três Estórias entregou o cargo de lalaxé a Mariá, e a responsabilidade de zelar pelos Orixá da sua casa no Rio de Janeiro e os do Raiz de Airá em Salvador. João Três Estórias veio a falecer dez meses depois.

Com a morte de João Três Estórias, Mariá e o seu irmão, o Pejigan Irineu, trouxeram todos os assentos dos Orixá de volta para o Recôncavo baiano, tanto os assentos do terreiro de João Três Estórias no Rio de Janeiro, quanto os assentos do Raiz de Airá em Salvador. O Raiz de Airá, sob a tutela de Mãe Mariá, opera uma dupla desterritorialização: do Rio de Janeiro e Salvador para a cidade de São Félix,

⁹Dança própria do Nagô-Vodum de forte influência Jêje, uma dança suave, lenta, cambaleante, com subidas e descidas.

recolhendo e desconstruindo a rede existente, o templo reterritorializa-se mais uma vez no Recôncavo Baiano, retorna ao seu berço. O terreno foi escolhido por localizar-se em frente ao Rio Paraguaçu, morada de Oxum, o barracão apresenta uma escadaria que a liga ao rio, usado, durante as obrigações a essa divindade. O terreno apresentava nas margens do rio diversas árvores onde eram presos animais de grande porte usados nas obrigações, notadamente, para o Orixá Oxossi.

Mas uma árvore se destacava entre as demais, uma frondosa cajazeira, a morada de Obaluaiê. E, foi em volta dessa árvore que o barracão do Raiz de Airá foi erguido. O barracão do Raiz de Airá foi construído no lugar onde realizava-se as obrigações a Obaluaiê. Foi em volta da frondosa cajazeira de Obaluaiê que se iniciou a construção do terreiro (ver Fig. 04). A cajazeira sagrada, morada do senhor das doenças e curas, encontra-se nas margens do Rio Paraguaçu e tornou-se o elemento geratriz, organizador, e estruturador da arquitetura do templo.



Figura 4 - Árvore sagrada do Raiz de Airá, assento de Obaluaiê, atravessando o barracão. Data: 2009. Fonte: Fábio Velame.

Essa árvore permaneceu durante as mudanças pelas quais passou o barracão. O barracão inicial, construído pelo Ogã Irineu, que utilizou seus saberes de mestre de obras, foi erguido com um pé-direito baixo, com telhado em telhas de fibrocimento tipo canaleta, tijolos cerâmicos e uma linha de pilares de concreto armado no meio do salão do barracão. Todavia, em 2010, Mãe Mariá empreendeu uma reforma no barracão; triplicou-se o pé direito, substituiu o telhado de fibrocimento por um telhado metálico sustentado por leves treliças metálicas, dispensando os pilares de concreto que ficavam no meio do salão, foram colocadas novas esquadrias iluminando todo o espaço.

Mas a cajazeira de Obaluaiê, a sua árvore sagrada no templo, permaneceu imponente, a estruturar simbolicamente o espaço, cuja copa frondosa cobre o telhado do "novo" barracão. Atualmente, ela nasce de um pepelê feito de troncos de madeira, preenchido com terra, tendo à frente uma escultura de Xangô Airá feito de madeira. No Raiz de Airá também, encontrava-se, até a última reforma empreendida por Mãe Maria, árvores sagradas nascendo dentro do Ilê de Exu e da Casa dos Cablocos, furando com seus caules os telhados desses templos.

ILÊ AXÉ OGUNJÁ

Ilê Axé Ogunjá, foi fundado em Cachoeira nos anos de 1975 por Pai Carlos dos Santos da Silva iniciado por Dona Beatriz Conceição, chamada comumente de Mãe Bia do terreiro Ogum Cariri, e foi adotado e criado por Dona Perina. O terreiro tem como regente, o dono da cumeeira, o Orixá Xangô Airá. O templo foi fundado sob a tradição do Nagô-Vodum, entretanto, hoje pertence à nação Ketu. Os rituais e festas do templo, após a posse de Pai Delson, passaram a ser realizados na tradição Ketu, abandonando, paulatinamente, a tradição do Nagô-Vodum. O Ilê Axé Ogunjá, funcionava inicialmente nos anos de 1970 na casa de Pai Antônio em Cachoeira, era uma construção feita de taipa-de-mão, próximo ao rio Paraguaçu.

Todavia, com a enchente do rio de 1989 em Cachoeira, o terreiro foi totalmente destruído. Com isso o terreiro foi transferido e reconstruído, ainda em Cachoeira, numa ladeira próxima do lugar original. Entretanto, em virtude de ser muito íngreme, com um acesso muito difícil para os "mais velhos" do terreiro, foi realizado, mais uma vez a mudança do templo, o Ilê Axé Ogunjá foi novamente transferido, no início dos anos de 1990 para São Félix, onde se encontra até hoje.

Em seguida, foram construídas as casas de deuses e ancestrais, Iroco (gameleira branca), e os Caboclos (cajazeira), com seus respectivos pepelês, e que já possuíam assentos em árvores sagradas. Essas casas, templos de Orixá e Caboclos, abraçaram as árvores, como um Ojá, e as árvores passaram a furar os telhados desses templos (ver Fig. 05), tal como ocorreu com os terreiros Nagô-Vodum de Cachoeira e São Félix. E, ainda, entre a árvore sagrada onde está o assento de Iroco, e a árvore sagrada do Caboclo foi erguida o Ilê Orixá de Obaluaiê.

Medidas necessárias que vão ao encontro do sistema dinâmico do axé na medida em que trazem privacidade ao rito, porque os olhos não preparados, "curiosos", ficam velados de averiguarem as atividades rituais e, principalmente, pelo fortalecimento do axé da casa ao se estabelecer a relação de ligação entre os assentos da divindade no pepelê do Ilê Orixá e o assento da árvore sagrada.



Figura 5. Árvore sagrada no Ilê Axé Ogunjá, assento de Cabloco. Data: 2010. Fonte: Fábio Velame.

ERÁN OPE OLUWA - VIVA DEUS

O terreiro *Erán Ope Oluwa*, chamado pelo povo-de-santo de Cachoeira de Terreiro Viva Deus, localiza-se no alto da Terra Vermelha, numa localidade da zona rural de Cachoeira, próxima à sede urbana. Pertence a nação Nagô-Ixejá, e teve como fundador o legendário Zé do Vapor. O templo foi inaugurado em 23 de junho de 1911, sendo consagrado ao Orixá Ogum. No Viva Deus, ocorre a mesma relação indissociável entre assentos de divindades nos pepelês e assentos de divindades nas árvores sagradas.

Todavia, no Viva Deus as árvores não irrompem os telhados, seja ele de um barracão ou de um Ilê Orixá ou Casa de Caboclo, mas a relação entre pepelê e árvore sagrada permanece a mesma. No Viva Deus inúmeros são os assentos de divindades em árvores sagradas em frente aos pepelês, constituindo uma relação originária. Eles compõem o caminho de pedra que vai da entrada do templo ao barracão. Do lado esquerdo temos os assentos de: Exu de Ogum, e de Coladina. Do lado direito temos os assentos de: Exu Bomboxira, Dancor, Tempo, Ossaim (ver Fig. 06).



Figura 6 - Assentos de Ossaim, Tempo, e, Dancor no Viva Deus. Cachoeira, Bahia. Data: 2009. Fonte: Fábio Velame.

Todos eles apresentam seus pepelês com as árvores sagradas à frente. Todos esses pepelês além de possuir todos os elementos simbólicos de um altar no interior dos Ilê Orixá compostos basicamente por: um pepelê (banco em terra ou de tijolo), onde são postos os assentos das divindades com suas quartinhas, ferramentas sagradas, o otá Orixá (pedra sagrada), gamelas, jarros, alguidares, ojubó (buraco feito na terra para receber o sacrifício de animais votivos), têm, também, uma estrutura de cobertura que protege os assentos do pepelê da ação das intempéries. Notadamente, os assentos de Ossaim, Dancor e Tempo, cuja estrutura composta por dois pilares delgados que sustentam uma pequena laje são coroados por um pequeno frontão e um par de cabeças de cavalos.

No Viva Deus, ainda, mesmo quando não nascem dentro do Ilê Orixá, as árvores sagradas estabelecem uma relação de interação, edificando uma conexão originária com o Ilê Orixá dessa divindade. Como acontece na relação estabelecida entre a árvore sagrada de Oxóssi, com seu assento, que se encontra logo atrás do Ilê Orixá de Oxóssi. O Ilê Orixá de Oxóssi foi edificado logo em frente a sua árvore sagrada (ver Fig.07).



Figura 7 - Árvore sagrada com o assento de Oxóssi atrás do Ilê Orixás de Oxóssi, compondo uma unidade, Viva Deus, Cachoeira. Data: 2011. Fonte: Fábio Velame.

Conclusão

As árvores sagradas que são moradas de Orixá, Vodum, Inquices e Caboclos, em Cachoeira e São Félix, constituíam lugares onde realizavam-se obrigações e rituais anuais, e em torno dos quais organizaram-se os cultos afro-brasileiros no recôncavo baiano dando origem a egbés, aos terreiros e suas arquiteturas criando a relação singular entre as estrelas do Itoto com essas árvores sagradas, que nascem do chão e furam os telhados dos barracões, compondo o espaço da festa, do Xirê. As árvores sagradas rasgam e atravessam os telhados dos barracões dos terreiros Nagô-Vodum da região: Capivari (Pé-da-Cajá), Ilê Axé Itaylé, Raiz de Airá.

Mas, em Cachoeira e São Félix, as árvores sagradas (assentos de Orixá e Caboclos), também furam os telhados dos Ilê Orixá (templos dos Orixá), e os telhados das casas dos Caboclos, tal como acontece nos barracões: Lobanekum, Raiz de Airá, Ilê Axé Ogunjá, Rosarinho. E, ainda, as árvores sagradas condicionam a localização de Ilê Orixá no terreiro: Viva Deus. Isso, como vimos, não ocorre por causa da falta de espaço físico, mas sim porque eram lugares sagrados onde realizavam-se rituais nos espaços livres dessas cidades, anteriores à existência dos terreiros, e a partir dos quais organizaram-se esses templos. As árvores sagradas tornam-se os elementos geratrizes das arquiteturas dos terreiros da região.

O Xirê (festa), aos pés das árvores sagradas, ao edificar o lugar, cria uma relação própria que diferencia os terreiros da nação Nagô-Vodum. Ali está o encontro do Orum com o Aiê, das estrelas do céu com as estrelas do chão do barracão, as estrelas dos deuses e as estrelas dos homens, onde arquitetura e a natureza não constituem dois predicados opostos, polares, binários. Naquele lugar não há dicotomia entre natural x artifício, natureza x homem, mas uma imbricação no sagrado. A árvore sagrada torna-se arquitetura, natureza que compõe e cria uma arquitetura afro-brasileira particular, e a arquitetura torna-se natureza sacralizada, fazendo parte da mata ritual.

O sagrado e o profano combinam-se, interpenetram-se, tornando-se uma coisa só. Estando, as árvores ali, sempre a abrir e fechar as festas no Xirê no baile do Quebrado em volta das estrelas. Os terreiros de Cachoeira e São Félix, principalmente, os da nação Nagô-Vodum têm nas árvores sagradas que furam os telhados dos barracões, Ilê Orixá e Casa de Caboclos um aspecto espacial simbólico que os diferenciam, que lhes atribui particularidade, peculiaridade, singularidade, que lhes é

próprio. As árvores sagradas geram, organizam e estruturam a arquitetura dos terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix.

Referências

BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo; Brasiliense, 1996.

BRAGA, Julio. *Ancestralidade Afro-Brasileira: O culto de Babá Egum*. Salvador: Ed. EDUFBA, 1995.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PARÉS, Luis Nicolau. *A Formação do Candomblé – História e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Juana E. *Os nagôs e a morte: pade, asese e o culto de egum na Bahia*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos Candomblés – Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

VERGER, Pierre. *Os Orixás*. Salvador: Ed. Corrupio, 2002.